

“IN SORTE DIABOL”: A PRÁTICA DE DEMONIZAÇÃO DO CRISTIANISMO MEDIEVAL

José Lucas Cordeiro Fernandes*

Somos corpos e sujeitos ao Diabo, e estrangeiros, hóspedes, no mundo no qual o Diabo é o príncipe e o deus. O pão que comemos, a bebida que bebemos, as roupas que usamos, ainda mais o ar que respiramos e tudo que pertence à nossa vida na carne é portanto seu império.

Lutero

1. O Diabo vence pelo Cristianismo:

Quando falamos em processo de conversão e cristianização nos falamos diretamente de dois processos diferentes e com meios diferentes, apesar de semelhantes. A conversão indica uma mudança total e, de certa forma ou em alguns aspectos, imediata, ou seja, quando falamos de conversão de certa região estamos comentando uma mudança total de tal perímetro sem mantimento dos traços das tradições anteriores “que implica uma metanóia completa e absoluta, com o abandono radical de todas as crenças anteriores”. Mas, no caso do termo cristianização, vemos que deve ser aplicado ao confronto, ao contato com religiões divergentes a que se pretende cristianizar, mas nesse caso os elementos da religião divergente influenciam no dogma cristão e podem ser apenas a sobreposição “híbrida ou não de uma religião sobre outra”. Em suma, temos conversão como um processo que indica totalidade e não relação com a outra cultura no modelo dogmático, já o outro termo, indica um momento de mudança e conflitos culturais, um momento de disputa pelo “território” ideológico que resultam em uma fusão cultural e troca de influências (LANGER, 2011, p.4). É importante compreendermos tais preceitos, pois nós nesse artigo trabalharemos com os momentos de cristianização, os momentos de tensões e de uma expansão do Cristianismo.

A Igreja desde sua fundação e domínio do Império Romano ganha força e poder, e com isso muda e altera seus dogmas de acordo com os momentos ou as necessidades, ou seja, a conjuntura foi severamente responsável por construções de diversos discursos e aplicações da Igreja. Analisar esses discursos de formação dogmática é sem dúvida, essencial para compreendermos como o Diabo vai adquirir uma grande força durante os processos de cristianização, pois são esses discursos que unificaram o mal sobre a representação do Lúcifer.

* Graduando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência na disciplina de História Medieval e membro do Valknut: grupo de estudos Vikings da UFC. Contato: zelucasfernandes@hotmail.com



Quando temos a conversão de Constantino nós já vemos o próprio nascimento da Igreja ligada a um poder político, no caso, o imperador romano. Constantino sem dúvida é um dos grandes heróis da Igreja o libertador do culto cristão, através do edito de Galério em 311 d.C., o idealizador do Crisma, que por um sonho se torna vencedor e conhecedor de Deus. O Império Romano com essa nova figura do imperador não altera de imediato os moldes pagãos que o regiam, podemos ver isso através da cunhagem de moedas do período. O historiador *Paul Veyne* em sua obra: *Quando nosso mundo se tornou cristão* trabalha os motivos e as transformações dentro da conjuntura da sociedade com essa mudança do imperador. Em sua análise nós observamos como Constantino começa a conceder privilégios aos cristãos, não em detrimento dos pagãos, mas sem benefícios semelhantes aos mesmos, apesar de que os cargos de confiança do Império fossem para as mãos de cristãos.

Os letrados pagão, Símaco, Libânio, Temístio, não serão privados da palavra, evocarão os seus deuses, mesmo ao dirigir-se ao imperador, farão junto dele a defesa, em vão, do paganismo e da tolerância. Os imperadores não desfavorecerão sistematicamente os funcionários e militares pagãos na sua carreira, preferindo-lhe, todavia, funcionários cristãos; só em 416 será proibido aos pagãos desempenhar funções públicas. (VEYNE, 2009, p. 106).

Outro ponto fundamental da importância de Constantino é a construção de diversas Igrejas e da disseminação de tal religião pelos territórios romanos, permitindo que surgisse e se desenvolvesse a filosofia e os estudos da patrística (primeiros padres), formando e alterando os dogmas da Igreja e aumentando a importância da figura do Diabo (O próprio Constantino faz uma reforma dentro do dogma e das palavras para divulgação e cristianização, através do Concílio de Nicéia em 325 d.C.).

Dentre esses primeiros discursos de formação do Cristianismo, nós podemos destacar: Tertuliano de Cartago no século III, assim como Jerônimo entre os séculos III e IV e o grande Agostinho de Hipona entre os séculos IV e V.

Tertuliano publica diversas obras sobre a ortodoxia da Igreja e diversas percepções sobre o pagão, mas o que nos interessa é as percepções do mesmo sobre a figura do Diabo:

Tu dás à luz na dor e na angústia, mulher, sofres a atração do teu marido e ele é teu senhor. E ignoras que Eva tu és? Está viva ainda, neste mundo, a sentença de Deus contra teu sexo. Vive como impõe, como acusada. És tu a porta do diabo. Foste tu que quebraste o selo da árvore; foste a primeira a deserdar a lei divina; foste tu que iludiste aquele que o diabo não pode atacar; foste tu que tão facilmente venceste o homem, imagem de deus. Foi tua paga, a morte, que causou a morte do próprio filho de deus. (ALEXANDRE, 1990, p.511).

Esta passagem de *O Adorno das Mulheres* reflete não só uma percepção misógina como também demonstra a importância do Diabo na queda do homem e sua participação no mundo, ou seja, vemos nós primeiros escritos uma preocupação de suma importância sobre a queda do homem e quem seria o responsável por tal queda, que através desse escrito fica claro que foi o Satã com grande participação da mulher, tal fato que permanecerá no imaginário medieval.ⁱ

Tertuliano em diversos outros escritos traz a figura do Diabo, pois nesse primeiro momento da construção dogmática a grande preocupação é de delimitar, definir que mal é esse representado pelo Diabo. Onde podemos ver debates sobre quem é Lúcifer, como foi sua queda é por que. Para Tertuliano a queda de Lúcifer não seria por causa do orgulho, mas sim pela luxúria, onde o mesmo baseado no escrito apócrifo do *Enoque*ⁱⁱ, escrito que faz menção ao sexo dos anjos com os homens:

O pecado do Diabo, portanto não foi o orgulho. O pecado do Diabo foi a luxúria. Demônios e diabos foram criações da união sexual entre anjos lúbricos e mulheres [...] Justino, martirizado em Roma em 165 d.C., explicou que alguns anjos violaram a ordem apropriada das coisas, cederam a impulsos sexuais e tiveram relações sexuais com mulheres cujo os filhos são demônios. (LINK, 1998. p 35)

Já vemos que o próprio Tertulianoⁱⁱⁱ faz diversos estudos sobre demonologia no século III, assim como outros o farão baseados em seus estudos, dentre eles Justino, que afirmou que essa relação sexual que cria os demônios responsáveis pelas pragas do mundo: luxúria, adultério, doenças, entre outros. Como isso podemos ver claramente o intento de uma produção demonológica nos “padres primitivos”

Nessas análises haverá uma unificação do mal, pois na antiguidade nós não tínhamos uma figura que representasse todo o mal (Lúcifer representa para o cristianismo todo o tipo de mal, de doenças as catástrofes naturais), e sim diversas deidades que dividiam as diversas atribuições do mal. Existiam deidades que causavam doenças, outras terremotos, outras que causavam fome, ou seja, o “poder” do mal sobre o mundo era alocado nas mais diversas divindades. Quando o cristianismo adentra essas culturas, ele aplicaram apenas o Diabo como representação de mal, assim como já era feito nos discursos dos primeiros padres, fazendo que essas culturas e uma cultura do ocidente medieval de um modo geral passasse a usar Satanás como o único dono mal, tal fato que permite que o Diabo desde o seu nascimento já tenha um grande grau de poder no imaginário. (LINK, 1998).

Antes de prosseguirmos nossa análise não podemos deixar de lado as interpretações de Jerônimo sobre o Diabo. Um dos aspectos fundamentais sobre a iconografia do Diabo é

originário do pensamento de Jerônimo. Antes do século VI não foram encontradas representações pictóricas sobre o Diabo, acreditam os especialistas que “razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas.” (LINK, 1998, p. 85-6). Nesse quadro vemos que não há uma referência nos escritos que permitam imaginar visualmente o Diabo e nesse ponto que a análise de Jerônimo será fundamental. Ele já estudava cultura grega e romana e já havia visto sobre os sátiros e a figura de Pã, os considerando como animais lascivos e luxuriosos, nisso vemos que as percepções sobre as deidades eram para associá-las com o mal, o que de fato ele faz. Quando o mesmo ao ler um texto de Isaías que descrevia que corpos peludos que dançavam sobre a Babilônia, Jerônimo associou tais “corpos peludos” aos sátiros, onde ele os chama de servos do Diabo e demônios luxuriosos, permitindo que a imagem de Pã passasse a se vincular a ideia do Diabo, pois tal interpretação reinou nas páginas da Bíblia do rei Jaime, umas das mais importantes do período. (LINK, 1998, p.54).

IMAGEM - I



Nestas imagens podemos observar Pã (à direita) como seus chifres, corpos peludos e cascos fendidos, todas as características fundamentais para iconografia do Diabo, como vemos nos demônios (à esquerda). Imagem da Direita: Estátua de Pã “conhecido como o ‘sátiro *della Valle*’, encontrado perto do Teatro de Pompeu, no Champ de Mars, provavelmente no final do período helenístico.” Disponível: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Pan_satyre_della_Valle.jpg. Imagem da esquerda: Imagem do século XIII que retrata a cena da disputa das almas, onde vemos um demônio tentando puxar a balança para ficar com a alma, cena típica de pinturas relacionadas à escatologia. Cena 6 (a pesagem das almas) da “*A Taula de Sant Miquel*”.

Disponível: <http://www.ricardocosta.com/artigo/taula-de-sant-miquel-sec-xiii-do-mestre-de-soriguerola-baixa-cerdanha-catalunha>.

Essa influência de Jerônimo foi de fundamental importância para começar a produzir uma imagem do Diabo, pois os seus cascos, barba, corpo nu e peludo e chifres passaram a ser constantemente associados com o adversário de Deus (Ver Imagem I).

Na hora de pintar o Diabo, os artistas tinham enorme dificuldade. Não existia tradição literária digna do nome e, o mais exasperante, não havia tradição pictórica alguma. Nas catacumbas e nos sarcófagos não há Diabo. Essa inexistência de tradição pictórica, combinada a fontes literárias que confundiam o Diabo, Satã, Lúcifer e demônios, são razões importantes para a ausência de uma imagem unificada do Diabo e da iconografia irregular. Mas alguma coisa sempre é melhor do que nada. E havia algo que o artista cristão podia tirar das fontes clássicas que os comentários teológicos corroboravam – Pã. (LINK, 1998, p. 53).

Outros dos primeiros padres que foi responsável por uma grande produção acerca do Diabo foi Agostinho de Hipona. O mesmo trabalhou a questão do mal (veja as obras: Livre arbítrio e confissões, mais precisamente) dos pecados e a própria figura do Diabo, além de resolver um paradoxo dogmático. Questionavam se Deus era pura bondade, pois ele criará tudo, inclusive Satã, que é de fato é mal, logo ele não seria todo bom ou não haveria de ter criado tudo. No intento de resolver tal problema Santo Agostinho recorre a Isaias 14, 12, (tal processo que já havia sido comentado por Orígenes) onde se lê: “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho de Alva!”. “Isaias não estava falando do Diabo. Usando imagens possivelmente retiradas de um antigo mito cananeu, Isaias referia-se aos excessos de um ambicioso rei [...]” (LINK, 1998, p.24). Como isso podemos ver que a solução do problema foi dizer que todos são criados puros e bondosos, mas a nossa escolha o nosso livre arbítrio e os pecados no levam para mal, na passagem ele transforma Lúcifer em sinônimo de Diabo e afirma que o mesmo caiu por sua própria escolha no intento de provar através dos escritos sagrados suas afirmações.

Esses escritos dos primeiros padres fortaleceram a imagem do Diabo e o tornaram cada vez mais forte, o que permite que durante a cristianização o mesmo mostre sua força e passe a agregar novas representações de mal, além da unificação e da agregação já feita, pois através do medo e da demonização que alguns processos de cristianização se ergueram e se consolidaram, tornado o Diabo um verdadeiro mosaico cultural.

2. *In sorte Dei para In sorte Diaboli*- a força da imagética do Diabo na cristianização:

Era consenso geral dos antigos escritores medievais, seguindo os padres, que como resultado do pecado original a humanidade estava em poder do Diabo. Nós tínhamos sido, disse *Haymo de Auxerre*, *in sorte Dei*, mas estávamos depois da queda *in sorte diaboli*. (RUSSEL, 2001, p. 99).

A própria explicação que nos infere a compreender que o mundo está em posse do Diabo só se torna clara quando vemos como a própria Igreja engrossa as fileiras das legiões demoníacas, dando o mundo para o Satã, assim como mais poder para o mesmo. Logo, a apropriação desde termo de *Haymo de Auxerre* foi ao intento de mostrar qual um dos verdadeiros elementos (visto a parti da compreensão histórica) responsáveis pelo “domínio” do Diabo ao mundo. Este domínio que devemos compreender no sentido de uma penetração do mesmo sobre o imaginário. Com isso, o fator demonizador propiciado pelo Cristianismo ao contato com religiões divergentes no seu processo de expansão realiza um grande aumento no número de demônios, além de uma série de mudanças sobre sua iconografia e poder no imaginário.

2.1. A “Pedagogia do Medo”:

Para podermos compreender com clareza o que foi essa prática de demonização do cristianismo medieval, nós precisamos compreender dois fatores principais, um que já vimos que se trata da unificação do mal feita pela estruturação dogmática do Cristianismo (que apesar de se alterar dependendo das conjunturas mantém essa fidelidade no elemento da existência de um único responsável pelo mal), e o segundo que se trata da “pedagogia do medo”.

Esse elemento consiste, como próprio nome já nos revela, “educar”, “ensinar” através do medo, onde esse medo passava a ser usado como um vetor que possibilitava maiores chances de conversão^{iv}. Quando se usa essa prática deve-se acima de tudo conhecer os elementos que afetam a mente dos indivíduos, ou seja, saber quais as ferramentas para certas ocasiões e certas conjunturas que causaram mais medo e pavor, mas por que essa necessidade de causar medo?

Quando falamos em se tornar adepto de uma religião ou crença, sem dúvida, nós falamos em aceitar verdadeiramente os princípios de tal religião, e se o cumprirmos seremos salvos. A salvação é o grande elemento que está joga na disputa do território ideológico, pois aquela que mostra, aquela que “convence” que pode me dar uma eternidade, um conformo



após a morte será a religião que venerarei e seguirei os dogmas. O grande elemento para efetivar uma conversão é fazer que aquele que se pretende converter creia na salvação, pois somente assim ele seguirá os dogmas, e por isso que o medo é fundamental, visto que se usarmos esse medo para dizer que a crença atual de tal região não lhe salvará e que sua alma sofrerá eternamente se não for adepto da crença correta, fazendo o indivíduo temer pela sua alma, pela sua vida eterna (estamos falando de uma forma geral e sucinta de um processo que perdura por anos para se efetivar, mas que é aplicado). Em suma, a grande função do medo é valorizar a salvação, desvalorizar as outras crenças e permitir que o Cristianismo se sobsaia como o único capaz de certificar a verdadeira vida após a morte. (NOUGEIRA, 1986) Mas quais são os medos? E como o Diabo entra como responsável por esses medos? Como o mesmo consegue ganhar força e auxiliar na expansão de Cristo?

3. O Aumento das legiões: a força do fator demonizador:

O fator demonizador é um dos elementos principais da “pedagogia do medo”, pois o Diabo, a figura do demônio é o grande mal cristão, e por isso, ele será evocado e usado diversas vezes para espalhar o medo.

Quando o Cristianismo entra em contato com outra cultura divergente a sua ele tenta cristianizá-la tornar a mesma uma sociedade de culto cristão, foi assim com os nórdicos, os árabes, os bárbaros que atacaram Roma, entre outros. Ou seja, estamos vendo um processo que faz com que o Cristianismo entre em contato como os mais variados números de culturas, tal fato que permite que o Diabo se torne uma grande mescla. Quando o cristianismo entre em contato com os “reinos” Vikings eles procuram converter os mesmos o mais rápido possível e uma grande ferramenta é a demonização de Loki e de outros membros do panteão nórdico, no intento de apregoar aquele medo de não alcançar a salvação, apesar de que o medo entra como uma ferramenta de repulsa a divindade que se venera, como um instrumento de manipulação do indivíduo, como uma forma para mostrar que a sua deidade é uma face de Satã, apenas uma projeção manipuladora, ou seja, temos esses outros sentidos agregados à questão do medo da salvação.

Essa prática não é resultado apenas do contato imediato durante os processos de cristianização ou outro contato direto e existencial, mas sim de qualquer relação, pois os primeiros padres usaram durante a unificação do mal diversos estudos e leituras que possibilitaram uma demonização de deidades que o cristianismo não compartilhou a vivência (o exemplo de Pã, visto que foi pouco provável o contato com tal divindade, reflete bem essa ideia como veremos mais adiante). Em suma, temos duas referências que possibilitaram a

formação e mudança na imagem do Diabo dentro desse fator demonizador: os contatos feitos durante processos de cristianização ou contatos de convivência e os contatos culturais indiretos, através de estudos e reflexões na formação da ortodoxia cristã. Esta prática consiste no intento de fortalecer os dogmas cristãos e ratificar o Cristianismo como a religião dona da salvação, pois é o adversário de Deus que possui todas as ferramentas de destruição o que permite que só um único Deus, seu criador, tenha capacidade de enfrentá-lo e de vencê-lo e que os outros são instrumentos do Satanás para impedir o contato com verdadeiro Deus, pois ele deseja acima de tudo ser o dono do mundo, tal fato que propicia uma séria de discursos que fortaleceram e aumentaram as forças de Satã, onde os mais antigos deuses se tornaram demônios ou representações do próprio Lúcifer.

3.1. As raízes mesopotâmicas:

O Diabo já tinha sua força e já havia engrossado fortemente suas legiões, pois já sabemos que durante os processos de unificação do mal à Igreja recorre primeiramente às forças mitológicas da mesopotâmia, pois essa unificação bebe nas fontes de conhecimento do zoroastrismo e do maniqueísmo (O próprio Agostinho de Hipona era maniqueísta antes da sua conversão), onde puderam estudar e analisar o que seria o mal (suas essências) e como se dava essa separação de bem e mal feitas por essas seitas supracitadas.

“De acordo com Russell (1991, p. 78) ‘a demonologia da Mesopotâmia teve enorme influência sobre as idéias hebraicas e cristãs dos demônios e do Diabo’. Essa influência se estendeu também à maneira como os primeiros artistas cristãos começaram a pintar e a esculpir o Diabo.” (ALMEIDA, 2010, p. 26). Um dos primeiros casos de demonização ocorre com uma deidade do panteão mesopotâmico para poder exemplificar a força dessas raízes de tal região.

Pazuzu foi umas dessas primeiras deidades, responsável pelos ventos malignos do norte, que destruía as plantações, a terra, os rebanhos, os homens, levando destruição por onde passava. Foi esse híbrido de partes animais e humanas com “o corpo de um homem, a cabeça de um leão ou cachorro, patas parecidas com a de uma águia, dois pares de asas, uma cauda de escorpião e um pênis sinuoso. Ele é muitas vezes representado com a mão direita apontando para cima enquanto que a esquerda aponta para baixo.”(Ver Imagem II). Ele teve grande influência na produção pictórica e do aumento da força de Satã. (RUSSELL, 1991; 1992; HEEßEL, 2007; ALMEIDA, 2010).

A popularidade de Pazuzu na região era grande, como comenta Heeßel, mesmo tendo diversas características destruidoras, como: caos, morte e fome o mesmo também era

associado como um divindade que afasta os maus espíritos (de forma semelhante ao nosso próximo caso de análise). Ele serve de exemplo para demonstrar a clara ambigüidade dos deuses da antiguidade, pois mesmo responsável por tanta destruição, era capaz de proteger crianças do demônio Lamashtu.

Representations of Pazuzu, usually in the form of small heads, were extremely popular since his image was used to ward off other demoniac beings. Pazuzu served particularly of the antagonist of the baby-snatching demon Lamashtu, and was a favorite amulet of pregnant women and mothers (HEEßEL, 2007, p. 1).

IMAGEM - II



Pazuzu, estátua do 1º milênio a.C. Deidade de forte influência para a iconografia do Diabo. Disponível: <http://ladyofspiders.files.wordpress.com/2010/09/pazuzu.jpg>

A partir dessa imagem podemos observar diversas referências com a popular imagem do Diabo no medievo (rever imagem I, figura da direita), onde podemos ver que Pazuzu emprestou o rosto bestializado, aspectos de hostilidade, asas (esta característica indica o domínio da deidade sobre o ar), a forma dos pés. Quando o artista cristão buscava representar o Diabo ele tinha buscar em como ele foi formado, ou seja, na prática de demonizar deidades de outras culturas, tornando a imagem do Diabo um mosaico cultural.

3.2. Do bem para o mal- A mudança feita em Bes durante a demonização:

A Igreja tem uma história de contato com o Egito desde os tempos de Moisés, logo era de se esperar que alguns deuses egípcios emprestassem suas características para o Diabo, onde podemos destacar a figura de Bes. Esta deidade foi figura recorrente nas representações do Diabo no medievo, os artistas recorriam a sua face como grande forma para representar o inimigo de Deus. Bes era uma “deidade anã cuja origem pode ser rastreada entre a Núbia e a atual Somália, uma área que historicamente oferecia ao Egito uma grande quantidade de deuses exóticos” (LINK, 1998, p. 73-4).

Bes não era uma divindade exclusiva do Egito (também estava presente em Cartago, Mesopotâmia e Fenícia), mas era uma das mais populares da região, mesmo sendo uma divindade menor, reconhecemos essa popularidade, pois nenhuma outra divindade teve tanto ídolos encontrados em casas como Bes, ele estava presente em templos e lares, era uma divindade pertencente ao cotidiano das regiões que estava associada. Esta deidade, apesar de aparentar traços horrendos (Ver Imagem III) sempre foi associada ao bem e não ao mal, pois a sua aparência horrenda servia como repelente para os espíritos malignos, ou seja, Bes era um símbolo de proteção contra mal, guardava as casas para impedir a entrada do mal, tal fato que justifica sua popularidade.

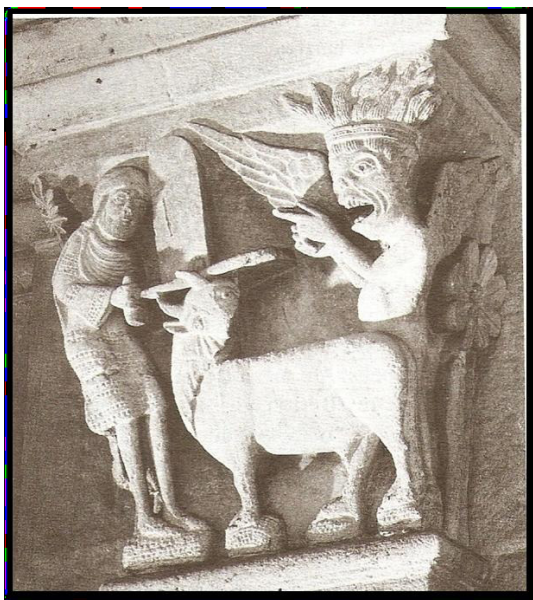
Embora Bes protegesse contra maus espíritos, alguns cristãos teriam percebido como um diabo esse deus egípcio tipicamente grotesco. Aqui nos aproximamos de uma área de respostas inconscientes culturalmente determinadas. As reações típicas dos cristãos do Ocidente a deidades asiáticas e indianas podem ser equivocadas: figuras ferozes que nas culturas orientais defendiam os bons contra o mal são consideradas diabo pelos europeus. [...] Imagens “universais” podem revelar-se apenas constructos errôneos de eruditos. Portanto, é bem provável que os cristãos tenham interpretado Bes de maneira equivocada. Representado ora nu, ora com um calção de pele (ou saia síria), Bes tem os cabelos desgrenhados, a boca e dentes proeminentes, rabo, orelha de animal, rosto barbudo, lábios grossos e língua de fora, que mais tarde seriam de Satã (LINK, 1998, p. 76).

Ao contato com o Cristianismo a figura horrenda de Bes é julgada pelos valores dos próprios cristãos que automaticamente associa ela ao Diabo. Já a divulgação dessas idéias vem no intento de proporcionar a cristianização da região, pois tornando Bes um servo de Satã ou uma própria representação do mesmo. O nível de adoração de Bes fez com que houvesse um foco em mudar a sua imagem no intuito de torná-la maligna, ele simplesmente adquiriu uma função totalmente oposta a que tinha no Egito, antes protegia contra os maus espíritos agora ela ingressava ao panteão que outrora combatia, fazendo com que o medo se associe a divindade facilitando o esquecimento do mesmo e a decadência do seu culto, como

também uma aumento do poder do Diabo, visto que o fator demonizador prosseguia aumentando as legiões.^v

Podemos perceber que a popularidade de Pazuzu e Bes era enorme e suas funções semelhantes, logo podemos concluir que a demonização de ambas as divindades não foi uma escolha aleatória. Essa força dentro do seio social e familiar fazia com que o paganismo ainda resistisse dentro dos lares, logo era necessário a obliteração desse paganismo e de todas as suas ferramentas, por isso que as divindades populares serão focadas em alguns processos de cristianização e formação da identidade do Diabo, pois sua demonização se torna necessária para efetivar a conquista. Outro ponto ainda ligado a sua popularidade e a produção de ídolos, no nosso caso específico, elas são aterrorizantes, o que de fato já gerava uma análise errônea e uma demonização instantânea, tal fato que possibilitava com uma associação direta ao Satã, visto que estava nesse mundo terreno antes mesmo da queda do homem, logo os cultos antes da chegada do Cristianismo era força do Diabo, e essas imagens horrendas são provas claras, como comentam alguns escritos demonológicos do medievo.

IMAGEM - III



Podemos ver a influência nessa imagem de Bes (superior direito) na iconográfica do Diabo, onde temos o Satã influenciando na história do bezerro de ouro de Moisés. “Diabo feroz desafiando Moisés (...) tem enormes cabelos flamejantes e uma singular faixa na cabeça. A faixa na cabeça não deriva de deuses gregos ou romanos. Mas Bes muitas vezes usava na cabeça uma faixa onde eram fincadas penas de avestruz, e se essas penas tiverem sido

confundidas com cabelos flamejantes, temos então nosso Bes-Diabo nesse capitel.” St. Lazare, Autun. Início do século XII (LINK, 1998, p. 75-6).

O flamejante cabelo visto em St. Lazare é um dos símbolos mais característicos das representações medievais da figura do Diabo, embora essa associação possa não ser inteiramente devido a Bes ou a conseqüentes deturpações de sua imagem. A imagética que comporta a selvageria e os cabelos em chamas é mais adequadamente atribuída às deidades gregas, como o Pã ou Apolo. Contudo, o desordenado cabelo de Pã é um notório símbolo de sua natureza bestial, o que levou a uma rápida identificação dessas características à representação da figura do Diabo na arte. (ALMEIDA, 2010, p. 29)

3.3. A demonização de outras deidades:

A demonização ocorreu em diversos momentos e em diversos fatores, como já vimos, mas inúmeras outras deidades de diversas localidades passaram por esse mesmo fator do Cristianismo medieval. Acima citamos os casos mais estudados é como o maior número de fontes, mas agora mapearemos algumas outras deidades no intento de estimular e justificar a relevância deste artigo.

O primeiro que podemos citar é o caso de Cernunnos, deus celta da selvageria, muito associado à natureza e a caça, que assim como Pã, será de grande influência para o Diabo, pois também lhe emprestará casco, chifres, a nudez, corpo peludo, além de novos elementos para a sua coloração (A cor do Diabo é muito variada, pois a partir dessas demonizações ou dos contatos com cultos ou inimigos diferentes ele ganha novas cores. Essas associações aos deuses da natureza lhe emprestam a cor verde, o branco vem do período de conflito com os povos do norte e associação com a morte, entre diversas outras cores, mas o mais comum no medievo é o preto e não o vermelho que tradicionalmente vemos). Essa deidade será anexada ao Diabo, pois por muito tempo o homem esteve ligado à uma natureza sagrada e cheia de medos, como comenta Keith Thomas, onde a Igreja associa tais lugares a entradas para o infernos, ou refúgios de servos do Satã, tornando esse lugares mais místicos do que nunca.

O Diabo também é animalizado, pode se transformar freqüentemente em qualquer animal, a existência desse fator ocorre por um motivo: Quando o Cristianismo passou a conhecer cultos que adoravam animais, e força da natureza (animistas) usou a pedagogia do medo e o fator demonizador para demonizar certos animais e locais de culto, dando ao Diabo essa capacidade de se transforma em qualquer animal, esta que permite que ele seja o animal que se adorava (RUSSEL, 2003, p. 63-4).



Os casos se alastram e muitos do atual panteão demoníaco são deuses de outras culturas, por exemplo: Ba'al da Fenícia, Leviatã da mesma região, Moloc de Cartago, Loki dos Vikings, entre outros. O caso de Loki é muito interessante e possui uma enormidade de fontes, tal deidade era a divindade do fogo e da trapaça e sua função no panteão nórdico, assim como suas características eram muito similares ao Diabo, de fato não conheço outra deidade tão próxima em relação aos poderes. A figura de Loki foi de fundamental importância para efetivar e praticar a cristianização das regiões do norte, pois ele servia claramente como um instrumento da pedagogia do medo, assim como Odin e outras deidades que foram demonizadas no mesmo intento, com exceção de Thor, que era mais comum vermos sua associação com Jesus. Quando falamos em cristianização da Scandia ou outras regiões do norte, falamos de um processo único e muito complexo que necessitaria de uma análise própria e longa, afinal como disse, as fontes são inúmeras.

Os demônios já eram advindos da própria Bíblia também, um bom exemplo para o fator demonizador e que também envolve demônios bíblicos e a tríade: Ziz, Behemoth e Leviatã (Ver Imagem IV). Essa tríade é composta por uma ave lendária que remete de diversas tradições, como a judaica, a persa, da sassânida. Ziz seria a representação do controle sobre os ares, o pássaro que cobriria o sol com sua envergadura. Behemoth é o demônio bíblico descrito em Jô 40:15-24:

Olha só para aquele monstro! Criei-o tanto como a ti! Come erva como um boi.
Repara nos seus fortíssimos lombos e nos músculos do seu ventre.
A cauda é tão forte como um cedro; tem os nervos das coxas entretecidos.
As vértebras parecem-se como tubos de bronze. As costelas são como barras de ferro.
É um animal imponente, entre toda a criação. Deus o mantém em respeito com a sua espada.
As montanhas oferecem-lhe o melhor do que têm para ele comer, enquanto os outros animais selvagens folgam.
Deita-se debaixo de árvores, escondido nos canaviais, à sombra dos salgueiros, junto aos ribeiros.
E não fica incomodado com a força das correntes dos grandes rios, nem mesmo quando se trata do Jordão, na altura das grandes cheias.
Ninguém é capaz de caçá-lo, à sua vista, nem de lhe pôr uma argola no nariz e de levá-lo para outro lado.

Behemoth seria força da terra, a representação do Diabo, através da figura de um demônio. Essa deidade tem diversas outras associações (se tornando um dos quatro príncipes do inferno) (LAVEY, 1969), mas falando no sentido bíblico seria a representação do controle da terra. O último da tríade é o mar primordial o controlador das águas, Leviatã. Este era um monstro mítico da região da Fenícia e que era conhecido pela sua capacidade de destruição,

tal poder maléfico passa a ingressar o panteão diabólico com os processos de unificação do mal. Ele também é descrito na bíblia, mas de fato não é uma representação criada pela mesma. Essa tríade fará parte de diversas culturas escatológicas de diversas religiões, mas sem dúvida é um ótimo exemplo de representação do fator demonizador e do medo.

IMAGEM - IV



Ziz (Região superior), Behemoth (à direita), Leviatã (à esquerda). Representam um das diversas tríades demoníacas e participam de diversas culturas escatológicas. Simbolizam a força sobre o ar (Ziz), a terra (Behemoth) e a água (Leviatã). "And on that day were two monsters parted, a female monster named Leviathan, to dwell in the abysses of the ocean over the fountains of the waters. But the male is named Behemoth, who occupied with his breast a waste wilderness named Duidain." (1 Enoch 60:7-8). Ilustração da Bíblia de Ulm, 1238. Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Lev-Beh-Ziz.jpg>

4. Considerações Finais:

Nesse artigo tivemos a pretensão de mostrar como a força do Cristianismo foi à grande responsável pelo o aumento da força de Lúcifer e do aumento do número de demônios, que foi através da própria Igreja que Diabo e seus servos se multiplicam, no intento de perceber esse fator demonizador do Cristianismo medieval, mostrando que "O Diabo se tornou sinônimo de todas das divindades de todos os credos rivais da cristandade" (STANFORD, 2003, p.XXXIV) (MINOIS, 2003). Outro ponto que procuramos demonstrar é que o Diabo como conhecemos ou imaginamos têm suas origens, mas sem cair no ídolo que comenta Marc Bloch e que suas raízes são em sua maioria européias.

Um dos principais objetivos é mostrar que o Diabo é uma construção histórica, uma invenção, é uma figura moldada e construída que se altera em cada período, se tornando o reflexo do tempo, uma figura que permanecerá eternamente no seio do imaginário pela sua

potência dentro da história (KELLY, 2008). Tentamos acima de tudo neste artigo demonstrar a força do Diabo no imaginário, onde podemos ver como esse “personagem” foi de fundamental importância na mentalidade cristã ocidental.

Essa potência sobre o Diabo chegou a ponto de estudiosos de tal “personagem” acreditarem que o mesmo se torna um sujeito histórico, uma construção cultural que assume uma autonomia, onde usam como preceito as forças do imaginário no sentido que descreve Baczkó, onde vemos o exemplo de reflexo do fictício para o real e do real para o fictício uma dualidade que acaba tornando esse Diabo independente

O importante no trato da História referente ao Diabo é perceber os meandros da sua construção e compreender que o mesmo é um objeto historiográfico e que possui inúmeras lacunas e carências no seio da história, por isso que esse trabalho também vem como estimulador para uma pesquisa sobre essa figura tão fundamental, como já foi provado, para os estudos acerca do imaginário e da História.

Referências Bibliográficas:

AGOSTINHO; FEDERAÇÃO AGOSTINIANA BRASILEIRA. **A cidade de Deus:** contra os pagãos, parte I: livros I a X /. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, SP: Federação Agostiniana Brasileira, 2009.

ALMEIDA, Marco Holtz. **O Diabo e a Indústria Cultural:** as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema. In: Revista Nures no. 16, Setembro/Dezembro 2010.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social.** Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BLOCH, Howard. **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.** Rio de Janeiro, Ed 34, 1994.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos:** o caráter sobrenatural do poder régio Franca e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

_____. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente, séculos 13-18.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais.** Editora perspectiva, 1º Edição, 1976.

- FERNANDES, Lucas C. **Abençoados e Condenados: As representações nos escritos demonológicos medievais.** In: Anais do I Encontro Internacional de História, memória, oralidades e culturas. Fortaleza, 2012. Disponível: http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/52-12632-18102012-162833.pdf
- FRANCO, Hilário. **A Eva Barbada: Ensaio de mitologia medieval.** Edusp, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo.** Editora Annablume, 3ªEd, 2008
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.
- HEEßEL, N. Pazuzu. In: Iconography of Deities and Demons in the Biblical World. Eletronic pre-publication, 12/2007. Disponível em: http://www.religionswissenschaft.unizh.ch/idd/prepublications/e_idd_pazuzu.pdf
- KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma biografia.** Editora Globo, 2008.
- LAVEY, Anton. **The Satanic Bible.** Avon Books, 1969.
- LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto.** Editora Cia. das Letras, 1ª Ed, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval.** Editora Estampa 1994.
- _____. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval.** Editora 70, 1990.
- LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média.** Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.
- MESSADIE, Gerald. **A História geral do Diabo.** Editora Europa, 1ªEd, 2001.
- _____. **A História geral de Deus.** Editora Europa, 1ªEd, 2001.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo.** Editora Contexto, 1ªEd, 2001.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão.** São Paulo: Ática, 1986.
- MINOIS, G. **O Diabo: origem e evolução histórica.** Lisboa: Terramar, 2003.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média.** Editora Masdra, 2003.
- _____. **O Diabo: As percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo primitivo.** Editora Campus, 1991.
- SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007.
- SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa moderna.** São Paulo: Ática, 1987.
- STANFORD, Peter. **O Diabo: uma biografia.** Editora Gryphus, 2ª Ed, 2003
- VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão.** Lisboa: Edições texto & grafia, 2009.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX.** São Paulo: Ática, 1997.

Notas:

ⁱ Existe uma série de trabalhos sobre a misoginia durante o medievo, onde temos opiniões bastantes divergentes, ao caso de vermos o grande medo como mostra Delumeau (ver: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada.** São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.), assim como escritos de repúdio como mostra H. Bloch (Ver: BLOCH, Howard. **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.** Rio de Janeiro, Ed 34, 1994.) e há também opiniões que acreditam que a mulher viveu uma evolução na Idade Média e que teve uma equiparação como o homem, como cita Jaques Le Goff (ver: LE GOFF, Jaques. O cristianismo libertou as mulheres. In: **Uma Longa Idade Média.** Civilização Brasileira, 1^oed, 2008.). Acredito que a partir do século XII, como os discursos da escolástica de Aquino em direção à mulher faz com que a mesma se aproxime mais do homem, mas as fontes e a produção da historiografia medieval nos demonstram uma grande oposição à mulher também, ou seja, podemos ter ambas as vertentes de pensamento, contanto que passamos a pensar o medievo nos preceitos de uma nova historiografia medieval, abordando aspectos por regiões, tal fato que permite a existência dos dois discursos e uma melhor análise.

ⁱⁱ A “história mais tradicional” (baseado na Bíblia) afirma que Lúcifer cairá por não aceitar o homem e desobedecer a Deus, e que por achar o homem inferior a ele peca pelo seu orgulho, o que faz o mesmo ser expulso do céu junto com seus seguidores (um terço dos anjos). No período ainda não havia total certeza sobre os escritos que seriam pertencentes à bíblia, por isso, ainda existia a utilização de tais escritos, que para o historiador são fontes fabulosas. Tal escrito pertencia à bíblia até o século IV. Texto considerado sagrado por: Judas, Clemente, Barnabé, Tertuliano e outros padres “primitivos”

ⁱⁱⁱ Para consultar diversas obras de Tertuliano, ver: <http://www.intratext.com/Catalogo/Autori/AUT369.HTM>

^{iv} Usamos esse termo agora, mas não em um sentido de uma prática de conversão ou um processo de conversão, mas sim como simples termo de indicação de mudança para o Cristianismo.

^v “Outro ponto é a questão do número de demônios existentes, assim como muitas coisas na “história do Diabo” nos temos diversas interpretações, mantendo o Diabo como tendo uma tradição de não ter uma tradição definida. Identificamos números compostos de 6666 legiões cada qual contendo 6666 anjos, dando uma somatória de 399.920.004 anjos, mas se um terço deles caíram e se tornaram demônios, nós teríamos 133.306.668 demônios. Mas para Pelbartus de Temesvar havia caído apenas uma das nove ordens, ao invés de um terço, o que daria 44.435.556 demônios. (NOGUEIRA, 1986, p.61-62; FERNANDES, 2012, p.15).” Ver: NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão.** São Paulo: Ática, 1986, p. 61-66.